

Tendo em vista de disponibilizar ao Sr. Reitor um contributo, sustentado em reflexão aprofundada, para a elaboração do planeamento estratégico da Universidade do Minho (UM), o Conselho Geral desencadeou (entre outras iniciativas) uma consulta através de grupos de trabalho informais (GT) constituídos por professores, investigadores, estudantes e trabalhadores não-docentes. O presente documento diz respeito ao GT de trabalho que inicialmente era constituído pelos seguintes elementos:

- José Manuel Pereira Carmelo (prof. cat., ECUM, DFísica)
- Júlio Manuel Sousa Barreiros Martins (prof. ass., EENG, DEI)
- Pedro Jorge Monteiro Bandeira (prof. aux., EAUM)
- José Carlos Bacelar Ferreira Junqueira Almeida (prof. aux, EENG, DI)
- Maria Isabel Leite Silva Maia Araújo (func. SDUM)
- Ana Filipa da Silva Marques (aluna do MIEGI)

Numa fase tardia do processo (a menos de um mês do fim do prazo para envio da contribuição do GT) foi detectado que o prof. José Carmelo (que deveria coordenar o GT) se encontrava no estrangeiro e o prof. Júlio Martins ficou encarregado de desencadear os trabalhos, que consistiram, essencialmente, em alguma reflexão feita em torno das questões/tópicos enunciados pelo CG. O texto que segue resume as conclusões a que se chegou e acabou por contar apenas a contribuição dos seguintes elementos: Júlio Martins, M. Isabel Araújo, José Carlos Almeida e Ana Marques.

Entende ser oportuna a eventual fusão/reconversão ou extinção de unidades orgânicas de ensino e investigação, subunidades e de serviços?

O bom funcionamento das diferentes unidades orgânicas da Universidade é um requisito fundamental para a prossecução dos fins últimos da instituição. Por esse motivo, é fundamental que eventuais remodelações dessas unidades se pautem por uma reunião de consensos alargados, e em considerar sempre as especificidades de cada unidade. Dito isso, não deixa de ser importante que a Universidade elenque um conjunto de linhas orientadoras que permitam às unidades reagir em conformidade.

De entre as questões abordadas no âmbito do grupo de reflexão, destacamos:

- No contexto do actual RJIES, faz sempre sentido a coabitação dos departamentos e dos centros de investigação? Pelo menos quando existir coincidência nos membros dessas unidades, não poderá o centro de investigação correspondente assumir o papel do departamento?
- Qual a dimensão adequada para as unidades orgânicas de topo? Faz sentido a disparidade existente na granularidade das actuais unidades orgânicas? Deve a Universidade procurar convergir para um conjunto de unidades de dimensão mais homogénea?
- Os diferentes serviços dispõem de um levantamento exaustivo e actualizado das respectivas competências? Estão identificadas todas as situações onde existe sobreposição de

competências? Pode essa sobreposição ser minimizada por via de uma reorganização dos serviços?

A reflexão sobre este ponto acabou por produzir mais perguntas do que sugestões. Existe ainda assim o entendimento de que haverá mais do que um modelo de organização da UM susceptível levar a bons. O GT entende também que não será boa ideia partir para um novo modelo sem uma avaliação prévia do actual, num processo de reflexão que tenha ainda em conta o histórico da instituição.

O que pode a Universidade do Minho fazer para melhor interagir com a comunidade e quais devem ser os seus parceiros estratégicos?

- Valorizar de alguma forma as actividades dos membros da UM (em especial as dos docentes/investigadores) que potenciem essa interacção (actualmente há quase exclusiva preocupação com a produtividade científica medida com base contabilização de artigos publicados)
- Organizar cursos (dentro e fora da UM) mais directamente vocacionados para as necessidades das empresas da região
- Incentivar a pós-graduação em empresas
- Procurar encontrar novos parceiros, preferencialmente em países de língua portuguesa e dentro das economias emergentes

Perante as adversidades financeiras com que a UMinho se está a defrontar, quais as soluções que poderiam ser encontradas para a superação deste problema?

Como qualquer instituição pública a UM está neste momento sujeita a regras de gestão muito apertadas e limitadoras da autonomia universitária. É muito difícil para o GT, em pouco tempo, não conhecendo bem os problemas e não dispondo de dados concretos, imaginar e propor soluções.

- Vale a pena redistribuir/ reorganizar a utilização dos espaços tendo em vista otimizar a sua rentabilidade?
- Vender/alugar alguns dos edifícios/espacos actualmente em uso?
- Vender alguns serviços que a UM possa prestar
- Apostar no *Fundraising*
- Tentar reduzir a factura energética, nomeadamente, investir na melhoria da eficiência energética das suas instalações
- Prever a participação em instituições privadas com fins lucrativos (para além de participar em instituições sem fim lucrativo com até aqui)?

Que estratégia e formas de organização devem orientar o desenvolvimento e a internacionalização da investigação da UMinho?

- Reforçar o Serviço de Relações Internacionais
- Reforçar os Serviços de Apoio à Preparação e Acompanhamentos de Projectos
- Incentivar a participação em projectos internacionais
- Organizar cursos de 2º e 3º ciclos de línguas estrangeiras (sobretudo de inglês)
- Promover a formação em língua inglesa dos funcionários da UM que estão mais em contacto com alunos estrangeiros (SAUM, SDUM, ...)

Quais entende serem as prioridades estratégicas da Universidade do Minho para os próximos quatro anos?

- Lutar para que a UM continue a ser reconhecida como uma Universidade de Investigação nas várias valências que tem prosseguido
- Assegurar a qualidade da formação dos seus alunos (seu principal “produto”) a todos os níveis (graduado e pós-graduado), já que esta será a principal forma de contribuir para o progresso da sociedade
- Assegurar a independência da UM em relação às grandes universidades nacionais
- Procurar aumentar a sua independência financeira (incrementando as receitas privadas)